



António Lobo Antunes

AS PESSOAS CRESCIDAS

As pessoas crescidas fui-as conhecendo de baixo para cima à medida que a minha idade ia subindo em centímetros, marcados na parede pelo lápis da mãe. Primeiro eram apenas sapatos, por vezes descobertos sob a cama, enormes, sem pé dentro, e logo calçados por mim para caminhar pela casa, erguendo as pernas como um escafandrista, num estrondo imenso de solas. Depois tomei conhecimento dos joelhos, cobertos de fazenda ou de meias de vidro, formando,

Possuíam a mania incompreensível dos banhos e das pastas dentífricas e, quando se referiam, diante de mim, a uma parente loira, muito simpática, muito pintada, muito bem cheirosa e mais bonita do que eles todos, desatavam a falar francês, olhando-me de banda com desconfiança e apreensão.

ao redor da mesa debaixo da qual eu ganhava uma palçada que me impedia de fugir. A seguir vieram as barrigas de onde a voz, a tosse e a autoridade saíam, apesar do esforço inútil de suspensórios e de cintos.

Ao chegar à altura da toalha aprendi a distinguir os adultos uns dos outros pelos remédios entre o guardanapo e o copo: as gotas da avó, os xaropes do avô, as várias cores dos comprimidos das tias, as caixinhas de prata das pastilhas dos pri-

mos, o vaporizador da asma do padrinho, que ele recebia abrindo as mandíbulas numa ansiedade de cherne. Compreendi por essa época que tinham o riso desmontável: tiravam as piadas da boca e lavavam-nas, a seguir ao almoço, com uma escovinha especial. Aconteceu-me encontrá-las, sob a forma de gargantilhas de dentes num estojo de gengivas cor-de-rosa, escondidas por trás do despertador nas manhãs de domingo, a troçarem dos rostos que, sem elas, envelheciam mil anos de rugas murchas como flores de herbário, devorando os lábios com as suas pregas concêntricas.

Já capaz, pelo meu tamanho, de lhes olhar a cara, o que mais me surpreendia neles era a sua estranha indiferença perante as duas únicas coisas verdadeiramente importantes do mundo: os bichos-da-seda e os guarda-chuvas de chocolate. Também não gostavam de coleccionar gafanhotos, de mastigar estearina nem de dar tesouradas no cabelo, mas, em contrapartida, possuíam a mania incompreensível dos banhos e das pastas dentífricas e, quando se referiam, diante de mim, a uma parente loira, muito simpática, muito pintada, muito bem cheirosa e mais bonita do que eles todos, desatavam a falar francês, olhando-me de banda com desconfiança e apreensão.

Nunca percebi quando se deixa de ser pequeno para se passar a ser crescido. Provavelmente quando a parente loira passa a ser referida, em português, como "a desavergonhada da Luísa". Provavelmente quando substituímos os guarda-

chuvas de chocolate por bifés tártaros. Provavelmente quando começamos a gostar de tomar duche. Provavelmente quando cessamos de ter medo do escuro. Provavelmente quando nos tornamos tristes. Mas não tenho a certeza: não sei se sou crescido.

Claro que acabei o liceu, andei na faculdade, tratam-me por senhor doutor e há séculos que ninguém se lembra de me mandar lavar os dentes. Devo ter crescido, julgo eu, porque a parente loira deixou de me sentar ao colo e de me fazer festas no cabelo, provocando em mim uma comichão no nariz que me tornava lânguido e que aprendi mais tarde ser o equivalente do que chamam prazer. O prazer deles, claro, muito menor que o de mastigar estearina ou aplicar tesouradas na franja. Ou rasgar papel pela linha picotada. Ou mostrar um sapo à cozinheira e vê-la tombar de costas, de olhos revirados, derrubando as latas que anunciam Feijão, Grão e Arroz e que na realidade contêm massa, açúcar e café.

Devo ter crescido. Se calhar cresci. Mas o que de facto me apetece é convidar a parente loira para jantar comigo no Gambrinus. Peço ao criado que nos traga duas doses de guarda-chuvas de chocolate e, enquanto chupamos a bengaliinha de plástico, mostro-lhe a minha coleção de gafanhotos numa caixa de cartão. Posso estar enganado, mas pela maneira como me fazia festas no cabelo, com olhos tão jovens como os meus, quase que aposto que ela há-de gostar. ●